

União das esquerdas fica cada vez mais remota

PDT de São Paulo lança Brizola para a Presidência enquanto Ciro busca apoio no PSB para enfrentar FH

Luis Carlos Santos

• SÃO PAULO e BRASÍLIA. A possibilidade de que a esquerda tenha um candidato único para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso parece cada vez mais remota. Se para uns isso aumenta a possibilidade de que haja um segundo turno — tese defendida pelo guru do ex-ministro Ciro Gomes, o professor Mangabeira Unger — para outros a dispersão traz o risco de nenhuma candidatura conseguir se encorpar o suficiente para ser o desaguadouro dos votos de oposição ao atual presidente. Esta última preocupação tem sido manifestada pelo presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva e pelo presidente nacional do PDT, Leonel Brizola.

Diante das dificuldades de entendimento das oposições, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), disse ontem que a causa disso é a falta de densidade eleitoral das candidaturas.

— Ainda é cedo para previsões sobre as eleições de 1988, mas tudo indica que o quadro político marcha cada vez mais em favor de Fernando Henrique Cardoso — disse Antônio Carlos.

PDT paulista quer Brizola para presidente e aliança com PT

Enquanto isso, numa tentativa de pressionar possíveis aliados numa frente das oposições, o PDT paulista lançou ontem a candidatura do presidente nacional do partido, Leonel Brizola, à Presidência da República em 98 e propôs ainda uma aliança estadual com o PT. O lançamento de Brizola foi feito pelo presidente regional do PDT, Fernando Zuppo, e o virtual candidato a governador, Francisco Rossi. Mas o próprio Brizola mostrou ceticismo diante da proposta:

— A minha candidatura, neste momento, só pode ser uma hipótese, dentre outras que estão aí. Mas a nossa prioridade é ainda a unidade das oposições — disse.

Brizola afirmou que o PDT tem o direito a posição equitativa numa aliança e ressaltou que a aliança preferencial do partido é



LEONEL BRIZOLA aperta a mão de Francisco Rossi durante solenidade de inauguração da sede paulista do PDT

com o PT e a candidatura Lula.

— Se Getúlio Vargas estivesse no meu lugar hoje apoiaria, sem dúvida, a candidatura Lula.

Brizola reconheceu a falta de unidade das oposições em relação ao nome de Lula e as dificuldades de alianças regionais. Segundo ele, os problemas maiores entre PT e PDT estão no Estado do Rio e no Rio Grande do Sul. No Rio, o PT cogita lançar a senadora Benedita da Silva ou o ex-deputado Vladimir Palmeira, em detrimento do apoio a Antony Garotinho, prefeito de Campos (RJ).

Brizola também reclamou da atuação do presidente nacional

do PSB, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes:

— O PSB e o governador Arraes fazem resistência a Lula, há muitas dificuldades.

Em São Paulo, o PDT quer uma aliança com o PT, tendo Francisco Rossi como candidato a governador e deixando a vaga ao Senado para Eduardo Suplicy (PT). O PT paulista, porém, decidiu no encontro estadual que terá candidato próprio e, tradicionalmente, sempre rejeita o nome de Rossi, apontado como “de direita”.

Já o candidato do PPS, Ciro Gomes, fez sua primeira atividade de campanha. Com camisetas

com sua logomarca e panfletagem e três horas de atraso ele falou a sindicalistas do setor de panificação e hoje deve ter um encontro com a ex-prefeita Luiza Erundina, recém-filiada ao PSB. O objetivo é discutir, mais uma vez, uma frente de centro-esquerda que sustente sua candidatura. Ao chegar ao encontro, Ciro elogiou a competência administrativa da ex-prefeita e afirmou que mais do que ter em Erundina um elo com o PSB ele quer é construir a unidade com todas as correntes de esquerda, incluindo o PT.

Com o lema “Ciro 98: Real para todos” militantes do PPS paulista

distribuíram durante o debate na sede do Sindicato dos Padeiros de São Paulo panfletos louvando as qualidades de Ciro e falando de sua preocupação com os oprimidos. Também eram vendidas por quatro militantes, a R\$ 5 cada, camisetas especialmente preparadas para a ocasião.

De acordo com Ciro, o Governo federal faz uma chantagem com a sociedade ao vincular o sucesso da política anti-inflacionária a uma só pessoa, no caso o presidente Fernando Henrique.

— A moeda e a política de estabilização foi feita por uma equipe e há hoje no Brasil homens e

mulheres altamente competentes para mantê-las. Não podemos cair no conformismo, acreditando que o desemprego e as dificuldades fazem parte desse processo. Precisamos acreditar que a política pode mudar essa situação — afirmou.

Paes se diz contrário à convocação do conselho

Os governistas do PMDB terão que atropelar o presidente do partido, deputado Paes de Andrade (CE), se quiserem convocar o Conselho Político para marcar a data da convenção que decidirá se apoiam a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso ou se lançam um candidato próprio. Indignado com a ação daqueles que reivindicam a adesão à candidatura de Fernando Henrique e rapidez na definição partidária, Paes disse ontem que considera difícil marcar a convenção para o próximo mês ou dezembro. Segundo ele, o melhor mês seria janeiro. No entanto, se os governistas lhe entregarem a lista com o número suficiente de assinaturas para convocar o conselho, Paes pretende reuni-lo e, no mesmo dia, realizar a convenção.

— Eu não esperava tanta provocação. Na história do PMDB nunca houve atos dessa natureza. Se eles correram essa lista, à revelia do presidente do partido, e me entregarem cumprirei o estatuto — disse Paes de Andrade.

Os governistas, liderados pelos ministros do partido - Eliseu Padilha (Transportes), Iris Rezende (Justiça) e Fernando Catão (Desenvolvimento Regional) - pelos líderes na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), e no Senado, Jader Barbalho (PA), e pelo presidente da Câmara, Michel Temer (SP) querem entregar esta semana o pedido de convocação. Na sexta-feira, segundo Padilha, a lista já tinha mais de 32 assinaturas, e a idéia era conversar com Paes hoje ou nesta quarta-feira. Para convocar o Conselho do partido é necessário conseguir um terço das assinaturas dos 60 membros. ■